

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuário Commercial.

16 DE DEZEMBRO DE 1911

N.º 310

Festas tradicionaes

Assumptos religiosos



Nossa Senhora da Conceição

(Esculptura em madeira, de J. Fernandes Galdas)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de dezembro de 1911

O caso José d'Azevedo Castello Branco — No Brasil — Em Portugal — A prisão e o encarceramento — Algumas considerações necessarias.

E', na época actual, um dos mais typicos e caracteristicos, o caso José d'Azevedo. Antigo ministro da monarchia, um dos homens mais intelligentes e cultos do passado regimen, aquelle que, como é notorio, nos conselhos de ministros dos dias da revolução foi o unico que esteve no seu logar com lealdade e nobreza, o ultimo ministro dos estrangeiros que mereceu ao dr. Eduardo d'Abreu, deputado da republica, elevadas referencias aos processos correctos e honestos da sua administração, José d'Azevedo Castello Branco, foi, em tempo, convidado a deixar Portugal e foi, ha poucos dias, preso em Portugal.

De uma e de outra vez, perante estes dois factos, foi egual a surpresa, porque ninguem soube ou poude explicar ainda, porque é que então foi expulso, e porque é que foi agora preso.

Deixemos o primeiro caso que já vae longe, e vamos ao ultimo, que é de poucos dias.

O sr. José d'Azevedo esteve durante mezes no Rio de Janeiro, e fazendo escala por Biarritz, para recuperar a saude, regressou ha pouco a Portugal, fixando-se na sua terra transmontana.

Tendo de abandonar a patria, violentado, escolheu o unico territorio do globo que é patria portugueza para todos os portuguezes que n'ella se refugiam. Foi lá crear talvez amizades novas, procurar porventura grangear meios de fortuna, porque todos aquelles com que contava lh'os tinha levado a transformação politica que no seu paiz se operára, meios que tem forçosamente de conquistar de novo, pela intelligencia e pelo trabalho, quem, não os tendo proprios, d'elles absolutamente carece para si e para os seus. O plano, que ninguem se atreveria a captular de deshonesto ou anti-patriotico, falliu por duas razões poderosas, a primeira das quaes bastava. Falliu porque a saude combalida não o deixou proseguir. A outra é uma razão de ordem politica que não vale a pena agora desenvolver, o que não quer dizer que um dia mais cedo ou mais tarde a não tratemos aqui mesmo com alguma largueza.

E' possivel que muitos a não acreditem, que alguns se surpreendam, e só a achem logica e accetavel os que conheçam bem o espirito portuguez no Brasil, os que saibam que nas suas opiniões arregaçadas e nas suas idéas fixas, são irreductiveis, absolutamente irreductiveis, os portuguezes de lá. E essa irreductibilidade que só merece louvores, porque obedece a uma alta suggestão de patriotismo, que pôde ser justa, que pôde ser falsa, mas que é honesta, porque é sincera, em vez de a terem attenuado, apenas a têm acirrado as violencias e as aggressões dos censóres de cá, que nem calculam o mal que teem feito ao paiz.

Quem souber as attentões, as deferencias que dos seus compatriotas teem recebido no Brasil o dr. Teixeira d'Abreu e o dr. Martins de Carvalho, ministros de João Franco, quem conhecer a estrada de rosas que elles teem pisado no Brasil desde que deixaram a estrada de espinhos que encontravam em Portugal, facilmente apprehenderá as razões porque José d'Azevedo pelas suas affinidades politicas não estava em condições de receber egual tratamento. Era um vencido, razão para não ser um perseguido. Era, porém, de uma facção diversa, representava principios oppositos, fizera parte de um governo que não soubera salvar a monarchia, não podia ser um predilecto. Não o combatiam, porque era já um derrotado, mas não o amimavam, porque são coherentes nas suas sympathias. Com a agudeza do seu espirito, com a affabilidade do seu tracto, podia José d'Azevedo Castello Branco limar

algumas arestas, remover alguns attrictos, descarregar a atmospheria quando a sentisse menos favoravel. Podia mesmo pôr os recursos da sua intelligencia ao serviço de idéas que perfilhava e que nos pontos essenciaes perfilhadas eram tambem pela grande maioria dos seus compatriotas, entre os quaes estava vivendo em terra estrangeira. Com effeito, antes de ser attingido pela doença, veiu pressuroso á estacada, correu sollicito ao desafio, e desaggravou, com penna acerada e argumentos de valia, o regimen que tinha servido e os homens que tinha acompanhado, das offensas e aggressões que, n'essa mesma cidade do Rio de Janeiro, em publico lhes dirigira um medico portuguez, um intellectual, que para exaltar a Republica puzera pelas ruas da amargura a Monarchia.

Era este sem dúvida um passo logico e acertado, mas se alguma sympathia politica podesse despertar, não bastava, todavia, para conquistar de chofre uma confiança incondicional. E passado o momento, de novo arrefecida a atmospheria, José d'Azevedo talvez tivesse tido occasião de sentir um prazer relativo, quando a saude começou a fugir-lhe, para não abordar o desgosto de vêr que perante uma absoluta irreductibilidade de opiniões e de principios, não prevalecem as intenções mais puras, traduzidas que sejam na fórma mais intelligente e mais captivante.



Conselheiro José de Azevedo
Castello Branco

Ultimo ministro dos negocios estrangeiros da monarchia, actualmente preso na Penitenciaría de Coimbra.

Não sabiam isto os que prenderam, ou mandaram prender em Portugal José d'Azevedo Castello Branco?

Decerto que não. Suppozeram até o contrario, suppozeram o que é, evidentemente, erroneo e absurdo. Suppozeram-n'o no Brasil, alliciador, propagandista e até... passador de moeda para os conspiradores. Ministro da monarchia, escoreçado pela Republica, vivendo em terra brasileira n'um fóco de *talassas*, sabendo-se que a conspiração da fronteira tem sido em grande parte alimentada por elles, intelligente, illustrado, captador, affavel no trato, insinuante, convincente, quem poria em dúvida que José d'Azevedo Castello Branco fosse lá um dos chefes da conspiração, um inimigo terrivel, cuja liberdade era um perigo para a Republica! E depois, as sapientissimas juntas de parochia, commissões municipaes, todas as collectividades republicanas de Villar de Maçadas, não teem o sufficiente alcance de vista, o poder de observação invencível, e o patriotismo sem limites, absolutamente indispensaveis para levar á convicção do ministro do interior e do administrador do concelho que José d'Azevedo Castello Branco, ex-conselheiro, e ex-

ministro, mas sclerado effectivo, era um perigo não só para Alijó e Villar de Maçadas, mas para as instituições, e que para um bandido d'esta especie, só Penitenciaría?!

E aqui teem. José d'Azevedo que no Brasil não foi *persona grata*, que não teve um convite para um jantar, para uma festa, recebido com desconfiança porque não representava os principios politicos sympathicos aos portuguezes de lá, ainda, por fim, obrigado pela doença a retirar-se mais cedo, e porque não tem meios de viver no estrangeiro, se vê forçado a procurar na humilde terra em que nasceu algum repouso para o attribulado espirito, com o coração golpeado pela saudade da esposa ausente e de um filho encarcerado, José d'Azevedo Castello Branco, figura de primeira grandeza, parlamentar e jornalista que honra um paiz, é encerrado n'uma Penitenciaría, não porque seja reconhecido criminoso, mas porque as commissões e as juntas de parochia assim o desejam e quem manda assim o resolve.

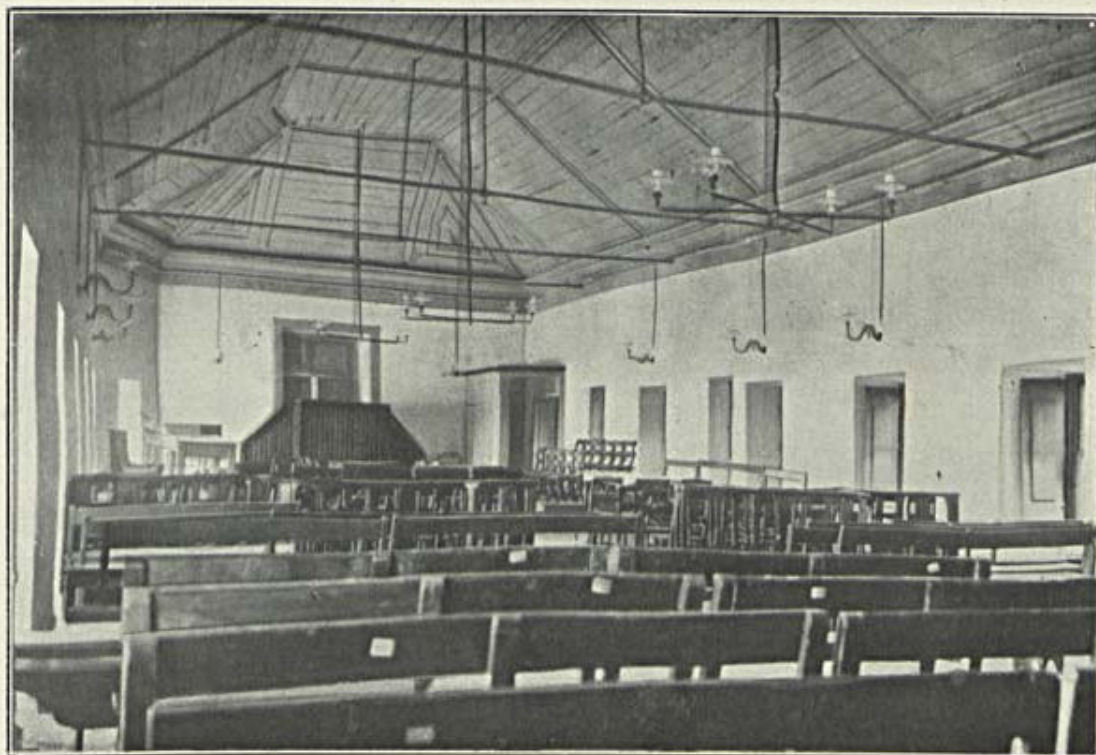
Que tristeza faz tudo isto!

JAYME VICTOR.

E' sobremaneira lancinante, no centro dos resplendores e opulencias da vida civilisada, o pungimento de quem se vê açoiado pelo flagello da vida selvagem — a fome!

A conspiração monarchica

O julgamento dos conspiradores



A sala do antigo convento das Trinas onde funciona o tribunal

A lenda moderna

Vae! E, se a terra que procuras não existir ainda, Deus fará sahir outros mundos do nada, afim de justificar a tua audacia.

(Palavras de Isabel a Catholica a Christovão Colombo.)

ERA em uma noite de inverno, ha uns trinta annos, pouco mais ou menos. Um viajante estrangeiro, um moço artista — esfomeado, já se vê — sem recursos, abandonado «até pelo seu cão», estava perdido, em Paris, em um casebre gelado da rua de S. Roque.

A miseria inexoravel perseguia, havia muitos mezes, aquelle bohemio desconhecido — a ponto de o ter obrigado a dar, debaixo de chuva e de vento, á razão de dois francos por hora, lições de solfejo que não lhe pagavam, a maior parte das vezes.

Chegava até a praticar, com a idéa de alcançar trez escudos, «aberturas ou preludios» para *folies-vaudevilles*, que alguns empresarios de theatros de segunda ordem deixavam guinchar pelos seus quartettos duplos, em frente das cadeiras vazias. O resto do tempo, saboreava o prazer de ouvir os transeuntes illustrados que se approximavam d'elle chamarem-lhe *doido*: — alguns levavam a condescendencia a ponto de o tratarem por «meu velho» e «meu rapaz!»: eram pessoas equilibradas, isto é, dotadas da esterilidade de bom gosto que, realçada por uma arrogancia cruel, caracteriza os individuos exclusivamente razoaveis.

Ora, este miseravel, que tantos ociosos considerariam apto para o suicidio, estava sentado, n'essa noite, defronte de certo commerciante notavel — que o observava de pernas cruzadas, á luz de um candieiro quasi apagado, sorrindo-lhe com modos familiares e ar de verdadeira compaixão.

Este interlocutor casual era (o destino apresenta d'estes contrastes) um dos nossos merceeiros mais considerados, — o mais

sympathico, o mais eminente talvez, — enfim, esse cujo nome faz pulsar, actualmente, em França, tantos corações, com uma emulação legitima. O excellento homem supplicára, durante muito tem-



Dr. João da Motta

Juíz presidente do tribunal das Trinas

(Phot. de J. Benoitel)

po, ao seu «amigo» que acceitasse (oh! sem phrases) esses poucos cobsres que, depois de recebidos, conferem — com o consentimento

O julgamento dos conspiradores monarchicos



O primeiro reu, José Augusto de Almeida, chegando às Trinas. Ao lado, de cabeça descoberta, acompanha-o o official de diligencias. Atraz os soldados da guarda republicana.

de nós todos — ao que empresta, o direito de tratar sem cerimonia a pessoa que elle não queria obsequiar senão com esse fim.

N'esta aventura tratava-se, para o liberal millionario, de cincoenta e quatro francos, adeantados, sem garantia, por cinco vezes, afim de evitar algum desperdicio artistico. Por isso, agora, tratava o seu devedor como camarada, e considerava-o simplesmente um «pobre diabo!» para empregarmos uma expressão burguesia.

Mas, de repente, o Desconhecido, erguendo a cabeça e fixando as pupillas serenas no seu «amigo», começou a proferir, com o maior sangue frio, os disparates seguintes:

— Quem sou eu, amigo cinco vezes obsequiador e sensível, para merecer assim a sympathia evidente que o teu coração me concede? Um musico! uma cegarrega! o ultimo dos mortaes! o opprobrio da raça humana! Pois bem, deixa-me offerecer-te, em troca, uma confidencia das mais francas. Se te dignares ouvil-a, distrahidamente, é provavel que não percebas o sentido do que vou dizer-te: — porque, n'este mundo, ninguém percebe senão o que pode *conhecer*, — e, como tu, a respeito de intelligencia, és um deserto onde até o som do trovão se extinguiria na esterilidade do espaço, tenho razão em recear que seja tempo perdido para ti. Não importa, falarei:

— Muito ingratos são estes artistas! .. murmurou o severo industrial com os seus botões.

— Aqui está, pois, continuou o ingrato, o que eu tenciono executar d'aqui a alguns annos, — pertencendo ao numero dos que vivem até á Hora Divina...

(Estas duas ultimas palavras fizeram estremeecer, a seu pesar, o digno negociante: no olhar desconfiado em que envolveu, d'ahi em diante o seu protegido, notava-se uma certa inquietação, inquietação que augmentou, decerto, com a continuação do discurso do artista.)

— Não ignoras, decerto, continuou o Estrangeiro, que existiram homens do meu partido, os quaes se cha-

mavam Orpheu, Tyrteo, Gluck, Beethoven, Weber, Sebastião Bach, Mozart, Pergolèse, Palestrina, Rossini, Haendel, Berlioz, — e outros mais. Imagina que estes homens são os reveladores da Harmonia mysteriosa á raça humana, que, sem elles, privada até do milhão de imitadores vis cujas parodias lucrativas não teem conto, estaria ainda cacarejando. — Ora, a minha «alma» (não te escandalises, caro amigo, com esta expressão fóra de moda), a minha «alma», digo, está vibrando com os sons de uma magia *nova* — adivinhada, apenas, por aquelles homens, — e da qual só eu posso proferir as maravilhas musicaes.

Por isso, mais cedo ou mais tarde, a Humanidade fará por mim, — que sou tratado, agora, como doido — o que nunca fez por nenhum d'esses precursores.

Sim, os maiores, os mais augustos, os mais poderosos da nossa raça — em pleno seculo das luzes, para me servir da tua expressão suggestiva, meu eterno amigo, — terão orgulho em realisar, segundo o meu desejo, o sonho que formei e que é o seguinte... (Faze a diligencia, se podes, para não levares as tuas liberalidades a um excesso, prodigalizando-me também a da tua falta de attenção, e o teu Ingrato vae, como é do seu dever, distrahir-te... quasi em paga do teu dinheiro. Digo *quasi* porque sei que a minha vida sacrificada ao mais insignificante dos teus caprichos, não pagaria na tua opinião, todos os beneficios que te devo.)

Primeiro, ha de vir um momento em que os reis, os imperadores victoriosos do Occidente, os principes e os duques militares, esquecerão, na força da victoria, os antigos cantos de guerra do seu paiz, para não celebrarem essas mesmas victorias immensas e terriveis (e isto no grito fulgurante de todas as fanfarras do seu exercito!... *senão com as producções da minha insensatez!*... Nenhuma d'essas musicas executará cantos de gloria que não sejam as minhas *elucubrações*, na hora do triumpho! Obtido este primeiro «sucesso», pedirei,

alguns annos depois, a esses principes, reis e imperadores poderosissimos, que queiram dar-se ao incommodo de irem ouvir uma das minhas *Producções mais nublosas*. Elles não hesitarão em abandonar a politica e a sociedade, em occasião solemne, para correrem, no dia marcado, ao ponto que eu lhes indicar. E amontoal-os-hei, com quarenta graus de calor, na platéa de um Theatro que terei mandado construir á minha vontade, e á custa, tanto d'elles, como dos seus amigos e inimigos. Esses exterminadores disfarçados ouvirão, com recolhimento, durante muitas horas seguidas, e desprezando to-



O julgamento dos conspiradores monarchicos — O jury da primeira audiencia.



O julgamento dos conspiradores monarchicos — O julgamento do reu José Augusto de Almeida, que foi condemnado a 20 annos de degedo

(Phot. de J. Benolle)

das as outras preocupações, — o quê? . . . *a minha musica*. — Para pagar aos constructores do edificio, mandarei vir dos confins da terra, do Japão e do Oriente, de todas as Russias e das duas Americas, diversos milhares de ouvintes — amigos, inimigos, que importa! — Todos correrão, tambem, deixando, sem pezar, a familia, o lar, a patria, os interesses financeiros — *fi-nan-cei-ros!* (ouves, meu digno e ineffavel amigo?) — affrontando naufragios, perigos e distancias para ouvirem, durante cem horas consecutivas, por quatrocentos ou quinhentos francos cada logar, — o quê? . . . *a minha musica*.

O meu Theatro, exclusivo, erguer-se-ha na Europa, no cume de uma montanha, dominando qualquer cidade que o meu capricho immortalisará, enriquecendo-a para sempre, ao mesmo tempo! — Os meus convidados chegarão ahi ao som do canhão, dos tambores furiosos, do toque triumphal dos clarins, do repique dos si-

todos os contractos, lucros, supplementos e beneficios, só para terem a honra de exprimir gratuitamente o quê? — *a minha musica*.

E renovarei, todos os annos, o milagre d'essa festa extraordinaria, que se perpetuará mesmo depois da minha morte, como uma especie de peregrinação religiosa. E, depois de passarem centenas de horas no meu theatro, todos regressarão aos seus paizes, com a alma elevada e fortificada por terem ouvido, o quê? . . . *a minha musica!* E, no momento das despedidas, todos combinarão *voltar no anno seguinte*.

E o mais mysterioso de tudo será não haver ninguem, entre os teus, que *ache nada d'isto extraordinario*.

E, finalmente, quando as proprias pessoas que, contra o mundo inteiro, odiarem, de nascença, *a minha musica*, se virem obrigados a applaudirem-a, apesar de tudo, sob pena de passarem por simples imbecis malfazejos, isto é, sob pena de serem *reconhecidos*,

ASSUMPTOS MILITARES

A abertura da Escola de Guerra ⁽¹⁾



A sessão solemne de abertura da escola, presidindo o sr. dr. Manuel d'Arriaga, que dá a esquerda ao sr. general Moraes Sarmiento

(1) A Escola de Guerra veio substituir a antiga e extincta Escola do Exercito

nos, e acompanhados pela ondulação brilhante das compridas bandeiras. E, a pé, enxugando o suor da fronte, misturados com as ditas Altezas e Magestades, treparão fraternalmente a minha montanha.

Então, como terei razão para temer que a furia do seu entusiasmo — que não terá exemplo nos fastos da nossa raça — prejudique a intensidade da impressão que a *minha musica* deve deixar, primeiro que tudo, levarei a imprudencia ao ponto de *prohibir os applausos*.

E, por deferencia por *essa musica*, ninguem deixará expandir toda a plenitude da sua exaltação senão no final da Obra. — Muitos d'elles quererão, até, ser, no seio da minha patria, os representantes de uma nação vencida pela minha e ainda ferida. e, em nome do Espirito humano, surdos aos brindes feitos, por toda a parte, contra o seu paiz, terão a magnanimidade de me acclamar! — Os cantores mais perfectos, os maiores executantes, — tão interesseiros, geralmente, e com razão — esquecerão, d'esta vez,

digo-te e juro-te que *a minha musica* ha de resistir até á sua admiração falsa e deshonrosa: e que então a raiva secreta, immensa, d'essas pessoas, acabará por elevar *essa musica* á altura de um *motivo de guerra!!* Porque é preciso que certos povos possam ouvi-la.

Sim, meu querido consolador, aqui está o sonho que realizarei dentro em alguns annos, quando a exploração do meu trabalho intellectual sustentar, *physicamente*, no globo, milhares e milhares de individuos.

E, para te recompensar pela condescendencia que tens mostrado, ouvindo, — inutilmente, afinal — o meu projecto prophetic, vou assignar-te, immediatamente, ainda que não queiras, um logar de platéa excellente que venderás caro, quando chegar a occasião.»

A estas palavras incoherentes, o sensível industrial, que estivera ouvindo, até alli, de bôcca aberta, ergueu-se silenciosamente, com os olhos cheios de lagrimas. Effectivamente, ha alguma cousa

mais triste, mesmo para o olhar frio do traficante, do que o espectáculo de uma intelligencia «amiga» cahindo em demencia? O generoso Mecenas soffria sinceramente, — o sentimento da supremacia indiscutivel que o Senso commum rico ha de exercer sempre no Pensamento pobre era a unica cousa que abrandava um pouco, no intimo do seu ser, a amargura da sua consternação. Supplicou portanto, ao bohemio, entre dois suspiros dolorosos, que se mettesse na cama. Vendo que a suggestão não tinha por resposta senão um sorriso affavel, sahiu do quarto, como devia, (com o coração opprimido) e correu a chamar varios medicos alienistas, para mettem no Hospital de doidos, n'essa mesma noite, em vista da urgencia que o caso pedia, o seu infeliz protegido.

Quando tornou a apparecer, duas horas depois, seguido por trez doutores e dois guardas munidos de cordas — (porque, deve-se fazer-lhe justiça quando se trata de prestar esta especie de serviços ás intelligencias artisticas perturbadas á força de miseria, o Burguez sabe sacrificar-se, — excessivamente, até, — e então não

com a indiferença jovial que revela, a seu pesar, a liberdade excessivamente espontanea da sua natureza e lhe grangeia, todos os dias, com justiça, tantas sympathias congeneres.

CONDE DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.

Bilhete de visita compromettedor

Voltaire e Piron não se podiam tragar. Sempre que se encontravam, o primeiro não poupava o segundo ás suas crueis ironias. Um dia este, julgando se offendido na sua dignidade pessoal por umas palavras quaesquer, procurou Voltaire em casa, afim de lhe

A festa do 1.º de Dezembro



O sr. Presidente da Republica, acompanhado do sr. Presidente do conselho de ministros e major Escrivanis, recebendo, junto do monumento dos restauradores, as saudações do povo.

(Phot. de A. C. Lima)

olha ao tempo nem á despeza!) — quando o nobre coração entrou com a sua escolta, o pobre doido tinha desaparecido.

Alguns policias, mal informados, decerto — (citamos o seu testemunho apenas por lembrança) — affirmaram que o exaltado se dirigira, socegradamente, — alguns momentos depois da sahida do seu «amigo», — para a estação do caminho de ferro de Strasburgo, e tomara logar, sem se fazer notado, no comboio das 9 horas e 40 para a Allemanha.

Depois como era natural, nunca mais se ouviu fallar n'elle.

Hoje, o seu Bemfeitor parisiense (que, no semestre seguinte, recebeu um vale de duzentos francos de um devedor anonymo) pensa, ainda, ás vezes, não sem um suspiro e um sorriso triste, em que masmorra de alienados as «pessoas de juizo» d'aquella terra terão mettido, o seu pobre monomano «que, afinal, o tinha *divertido!* — e cujo nome já esqueceu».

— Não lastima tél-o sustentado, accrescenta elle, nem mesmo se importa com a bagatella de... não sabe se um se dois milharres de francos? que lhe emprestou.

— «Ora! vão para o artigo das perdas e damnos!» conclue,

exigir satisfações, mas como não o encontrasse, agarrou n'um bocado de giz e escreveu na porta em grandes letras — *Burro.*

No dia seguinte encontraram-se os dois na rua e immediatamente Piron se dirigiu ao seu inimigo, dizendo-lhe:

— Fui hontem a sua casa...

— Já sei, interrompeu logo Voltaire, encontrei na minha porta o seu bilhete de visita...

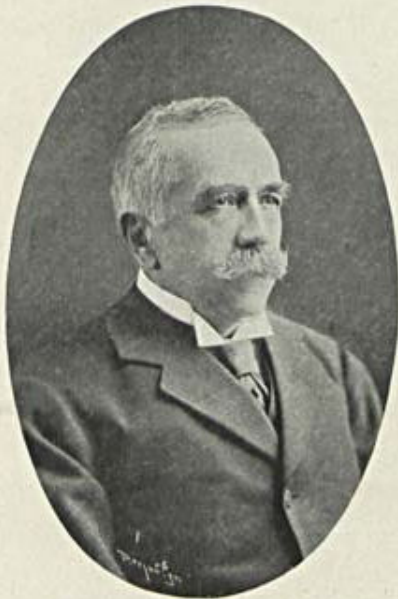
SEGREDOS

Ha dois segredos que a mulher querida
Com a melhor vontade
Occulta ao homem! um é a metade
De sua vida,
Outro a metade
De sua idade.

FONTOURA XAVIER.

Maximiliano d'Azevedo

ERA um espirito culto, official de uma arma scientifica dos mais illustrados, publicista, auctor de uns contos militares que tiveram certa voga, viajou muito, foi durante annos secretario de



Maximiliano Eugenio de Azevedo
Coronel de artilharia e escriptor dramatico
(† a 3 de Dezembro de 1911)

Latino Coelho, cujo convivio grandemente contribuiu para a illustração que possuia, com Raul Brandão e D. João da Camara fez esses deliciosos livros para creanças que tiveram successivas ap-

provações do conselho de instrucção publica, collaborou em numerosos jornaes e revistas, foi gerente do theatro de D. Maria II, finalmente, em variadas ramificações de intelligencia e actividade desdobrou a vida, que não foi excessivamente longa, esse bom Maximiliano de Azevedo, character sem macula, exemplar chefe de familia.

Todavia foi no theatro que mais deixou vincados os traços da sua individualidade. Na arte de escrever dramas ou comedias não era propriamente um genio, mas tinha todos os segredos do *métier*, e conhecia como poucos a alma popular. Numerosas são as obras theatraes, quasi todas accentuadamente populares, que fez representar em theatros portuguezes e brasileiros e deixou o seu nome numa infinidade de traducções de peças, que escolhia a primor entre as que melhor produzem as litteraturas de França, de Inglaterra, de Hespanha e da Italia.

Sobretudo no theatro, entre artistas, é sensível a falta de Maximiliano de Azevedo, que mais de uma vez honrou com a sua collaboração o *Brasil-Portugal*.

O julgamento dos accusados politicos no tribunal das Trinas

DIVERSOS clichés do tribunal das Trinas, onde os accusados politicos têm sido julgados, illustram hoje algumas paginas desta Revista. E a um dever de consciencia faltariamos se deixassemos de registrar aqui a dolorosa impressão produzida em muitos espiritos por algumas das sentenças condemnatorias. Não são propriamente as condemnações, mas as circumstancias em que ellas se teem dado, que têm — revoltado não é o termo que queremos empregar — que têm magoado a consciencia nacional. A intervenção dos publicos, apaixonados ou desnortheados, em julgamentos a que deve ser extranha toda a perturbação, a violenta pressão exercida sobre os jurados por esses auditorios, que com gritos e apostrophes teem perturbado o funcionamento da justiça, são symptomas que desabonam a civilisação, prejudicam a Republica e offendem a pura democracia.

Um dos advogados chegou a pedir providencias ao ministro da Justiça, quasi todos teem feito lavar na acta os seus protestos

Funeral de Maximiliano de Azevedo



Um aspecto do funeral

(Phot. de J. Benoitel)

contra a intervenção insolita dos auditorios ou teem aggravado para o Tribunal da Relação, frisando a situação dos jurados, que, coactos, dão o seu *verdictum*.

exprobou, com uma coragem individual que honra sobremaneira o seu character e a sua profissão, os tristes espectaculos a que estavamos assistindo dentro de um tribunal de justiça, onde aquelles que



Funeral de Maximiliano de Azevedo

No cemiterio — Os actores do *Theatro Nacional* pegando ás borlas do caixão

(Phot. de A. C. Lima)

Oxalá sirva de exemplo para o futuro aquella sessão, já memoravel, em que um valoroso advogado, o dr. José de Arruella,

só teem ouvidos para ouvir, e em caso algum, em nenhuma hypothese, voz para se manifestar, porque lh'o prohibe a lei, o direito,

NATIVIDADE



Reprodução d'uma antiga estampa

a moral e a justiça, estavam sendo um elemento de perturbação, que forçosamente havia de influir na consciencia dos julgadores e na decisão das suas sentenças, o que é pavoroso, sobretudo quando se condemna alguém, que pôde ser um culpado, mas que tambem pôde ser um innocente.

O VESTUARIO

Ultimo livro de Eduardo de Noronha

PARA artistas de theatro, para scenographos, para pintores, para homens de letras, para jornalistas, para quantos tenham de occupar-se dos trajes humanos desde os tempos mais remotos até á idade média, nada mais interessante e util que esse elegante volume de trezentas e tantas paginas, á frente do qual vem este titulo: *O Vestuario* e este nome: Eduardo de Noronha. Dizer que estão nelle compiladas as obras de maior autoridade sobre o assumpto, e que mais de duzentas gravuras o ornam, seria já dizer muito, mas não o bastante para que façam uma idéa d'este precioso e honesto trabalho os que não percorram e leiam essas paginas em que o auctor revela copia vasta de conhecimentos, fartamente e ao mesmo tempo sobriamente espalhados por interessantes capitulos em que trata dos trajes usados pelos semitas e ethiopes, phenicios, hebreus, assyrios, babilonios, arabes, suevos, persas, tribus da Asia menor, gregos, etruscos, romanos, celtas e germanos, sarmatas e dacios, scytas e partos, bysantinos, anglos-saxões e anglo-normandos, francos, allemães na Italia, italianos, inglezes e francezes, hespanhoes e mouros, allemães dos seculos XIV e XV, e finalmente dos trajes usados na vida medieva, militar e particular.

Não ha muito ainda que Eduardo de Noronha dava á publicidade um livro sobre historia de theatro, que é tambem um opulento manancial para quantos precisem adquirir ou ampliar conhecimentos sobre uma das mais bellas ramificações da intelligencia humana.

Com taes faculdades de trabalho, outro livro de manifesta utilidade tem já em elaboração o fecundo e talentoso auctor de *O Vestuario*, a quem devem rendidos agradecimentos todos aquelles que na sua obra, já vasta, vão encontrando e colhendo os elementos de que necessitam.

A nós compete-nos agradecer a Noronha o *envoi* dos seus livros com dedicatorias que muito nos penhoram.

NATAL

CONDESCENDENTE, sacrificado, amoroso, quiz o sol impôr sua amada. A noite, o apaixonado mysterio, em que elle se esconde, triumpho mais cedo, amorosa, finalmente.

Natal! — que poderoso segredo o d'essa palavra! Tem qualquer coisa d'um infinito beijo, que, durando a maxima noite, encerra uma saudade immensa, unida a uma enorme alegria.

Natal! — vêem-se boccas de creança rindo. Natal! — vêem-se olhos de velhos chorando e labios de esposa sorrindo.

Natal! — a lenha arde fogosa nas lareiras em festa, e o gallo canta na missa a deshoras.

Natal! — todos se esquecem da hora de dormir.

Natal! — são felizes todos ao amanhecer.

Maior noite do anno, noite mór de amor!

A aldeia toda accesa alumia o caminho da lufada, que desabrida corre. Das chaminés fumaradas se escapam, nuvens doidas de festa, avidas de ceu, espalhando perfumes de resina e especiarías, e aos fumos mais brancos do sobro tisanado, agarra-os o vento, como um par gentil, que num rodopio se some depressa.

Sinos cabriolam lesto, como gaiatos no adro.

A torre esbelta na noite parece arrastar como uma virgem a cauda branca da sua capella, em que cyrios luzem como pedrarias. A senhora recebe, como uma fidalga, os hospedes sobre uma alfombra de tomilho e piorno.

A SANTA FAMILIA



Quadro de Julio Romano, existente no Museu de Dresde

Na cosinha quente, vae-se ultimando a consoada. Pela porta fria entram os devotos cheios de rezar.

Toalhas brancas acolhem os doces saborosos e as almas purificadas.

O ar cheira a rosmaninho, a ovos, a azeite fervido, a alecrim.

*Quem pelo alecrim passou,
E um raminho não apanhou,
Do seu amor se não lembrou.*

E ellas trouxeram todas o seu ramo oloroso, de alecrim do norte, collega do frio.

Com o tresnoitar o apetite grita; nas certãs untadas os petiscos chiam; sobre a meza, que diz em flores a pobreza do inverno, nozes recém-abertas tentam os gulosos, e as passas humidas e as avellãs seccas vão parar ás mãos, que antes se esfregavam, lembradas da noitada, ainda com o rubor que a geada lhes inspirou. E' Natal!

Está a meza a postos. Na cozinha ardem ociosas as chammãs, sem iguarias. Todos se sentam. Escolhe-se para reger aquelle concerto de corações o coração mais velho, quasi sempre o maior, porque nelle se guarnece todos os presentes.

Corações pequeninos de donzella, logo a deitar por fóra com um amor só, disputam logar junto do seu noivo, do seu braço direito, que é o do valor. As creadas mais velhas rabujam sem gritos, e as serviças mais novas servem sem pressa, porque todos gozam no banquete esplendido, que precisa um anno para se preparar.

Ha saudes, risos,inhos generosos, que alegam casa e almas, esconjurando o mal. O ruido interrompe o somno suave dos corpinhos d'este outomno. Sentem-se berços embalando deuses loiros, que choram por seu leite, e, contente, fecunda, a mãe, deixando a festa e apresentando o seio, canta a meia voz a canção meiga do seu idyllio, que já Maria decerto entoou em Bethlem;

Dorme, dorme, meu menino...

Na cidade, o Natal é diferente. Confunde-se na sua vida quotidiana. Em Lisboa, é a arvore nas casas ricas, e o *glu-glu* nas ruas.

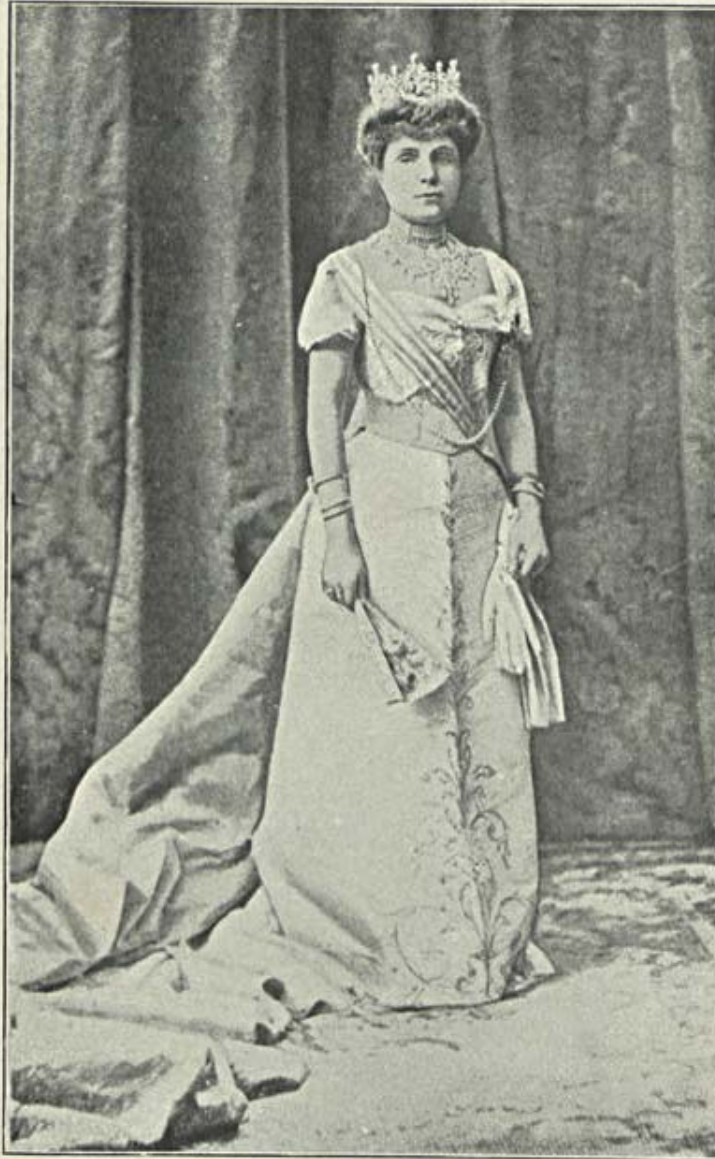
A arvore do Natal é esse ditoso pinheiro, docil e enfeitado — arbusto de luzes e prendas, que os petizes adoram. Mais afortunado que os seus irmãos, que passam do bosque á fornalha, este demora-se festejadissimo na sala, antes de entrar na cozinha. E' um ramo feliz d'um tronco, que talvez a estas horas, á beira d'uma estrada, ou em pinhal afastado, o machado do lenhador, cupida, barbaramente, namore. Veiu assim ter na vida, coberto de luminarias, de brinquedos, de franjas doiradas e flores reluzentes, antes da morte definitiva, o jubilo momento, cheio de creanças, de ser querido, de ser afagado, entre o deslizar das quadrilhas e o sara-coteio das valsas.

O *glu-glu* é o canto estridulo, que semanas antes começa, por essas ruas, a annunciar que temos Natal. Legiões negras de perús andarilhos, levantando alto o rubro dos seus moncos, cheios de frio e famintos de milho, invadem a cidade, que, pouco a pouco, como a soldados de guerra, os vae aboletando, como e onde pode, em quintaes, em capoeiras, até em varandas, até noutros sitios...

O perú reina de tal modo neste tempo, que ante-hontem, indo procurar pela primeira vez um amigo á casa para onde resolveu mudar-se, encontrei apenas, nas salas que a porta escancarada franqueava, estes objectos: um piano, — o meu amigo tem quatro mãos de menina na familia, — um gallego, entretido a dormir, e um perú satisfeitissimo, a deixar que fazer para as creadas.

Com a arvore e o *glu-glu* o Natal lisboeta ainda não está completo. Não falando já nas *festas* — nome pomposo que a gorgeta adopta para viajar em incognito descaradissimo — temos as *bróas* — um doce de milho bastante duro — e um numero.

Familia Real Hespanhola



A infanta D. Eulalia, tia de D. Affonso XIII, de quem tanto se tem occupado ultimamente os jornaes europeus por causa da recente publicação do seu livro «Au fil de la vie».

Os nataes de Lisboa podiam arregimentar-se, como os recrutas, por numeros. Este anno foi o 2.737. E' um numero, que vale duzentos contos fortes.

A loteria do Natal é um dos mais pezados impostos que o portuguez mais pontualmente paga. Andou hontem a roda, e sahiu-se com esta: 2:737, que a sorte — e era a grande — quiz d'esta vez espalhar por muitas mãos.

Já ha quem tenha palpites para o anno, pois sem perú, sem *bróa*, e sem cautela ou bilhete, não ha Natal em Lisboa — cidade do calcareo e do pirolito, plantada á beira do ministerio do reino...

Havia no Natal portuguez, como ainda existe no Natal hespanhol, uma tradição deliciosa, que nunca deixará a arte de deplorar vá desaparecendo. Eram os presepios.

Eu, quando creança, ainda a conheci, e fui dos que appeteceram o alvoroçante prazer de ter um menino Jesus novo cada anno.

O presepio, sendo uma inoffensiva diversão catholica, era, quasi sempre, um bello quadro pittoresco, um comico espelho de costumes: a equivalencia da vida em barro.

Houve-os maravilhosos, colossaes, presepios de egrejas e conventos, presepios de palacios, admiradissimos e concorridos. Ainda hoje a basilica da Estrella mostra o seu, bellissimo trabalho de Machado de Castro.

Mas os mais essencialmente interessantes eram os improvisados presepios

de casa, que se armavam de modo diferente cada anno, e depois se desfaziam e armazenavam com um paciente cuidado, que nunca impedia fracassos para o outro anno: S. José com a vara partida, a vaquinha com um chifre quebrado, ou o burro sem a cauda...

Faziam-se lindas coisas com nuvens de algodão, punhados de areia, fontes de lata e casas de papel.

Sobre a meza maior que se encontrava disponivel, estendia-se a mais rica toalha do enxoval. Trazia-se verdura nada biblica do jardim, e terra, que ia ser santa. Arranjavam-se caixas e calhamços, para serem montes e serras; chavenas sem aza serviriam de poços e fontes, e de uma tijella velha fazia-se um lago, tão lindo como o Jordão.

Depois começava-se a desencaixotar a bonecada, a limpar os enfeites, os castiçais, a estrella do milagre, e a raspar com cuidado um pingo que a cera do anno passado puzera no manto da Virgem — nodoa no melhor panno — ou na calva de S. José — desacato tremendo, que até ajudava a segurar o resplendor...

Com phantasia e esmero, dispunha-se ao centro, sempre num baixio, a lapinha, a cabana de Bethlem. Ahi ainda se respeitava um bocadinho a época, mas depois, pela montanha de cartão e pelos desniveis dos volumes, que o musgo disfarçava, punha-se á vontade quanta bonecada se queria. Lá em baixo era ainda a Judeia, mas o resto do terreno era todo o mundo, não só do tempo, como de todos os tempos. Atraz da camelada dos magos, uma varina a dançar o vira, ou uma bailarina de nuas pernas tortas e saial arrendado. Nenhuma duvida havia de fazer um archeiro conduzir um elephante, ou em pôr um policia actual, ou chibante municipal, a rondar a segurança das estradas da Gallileia.

Era Natal!

Minha amada linda, minha amada loira, hoje a noite é maior, seja maior o beijo! Nosso amor é sempre Natal, seja o Natal nosso amor mór! Bemditas horas as da sua noite! Bemdita a noite que nos dá mais horas! Bemdita a hora em que me deres mais beijos!

De 3ª hora do Correio.

MANUEL DE SOUSA PINTO.

“Jesu dulcis memoria”

Outrora, muito longe, em terras da Judeia,
la um rabi prégando a liberdade e o amor;
Fulgia no seu verbo a luz de Nova Ideia;
Dizia ás multidões Jesus da Galileia:
«Eu sou Verdade e Vida! Eu sou o Bom Pastor»...

E a multidão ouvia, absorta, o Nazareno,
O rabi que ensinava a perdoar o mal;
Na luz do seu olhar tão verde e tão sereno,
No som da sua voz, no seu perfil moreno,
Brilhava a inspiração de um grande sonho ideal.

Ó Magdala e Naim, e Tiro, e Samaria,
Palmares de Engadi e montes de Sião,
Eu vos saúdo!... Aldeia, onde nasceu Maria;
Lagos da Galileia, onde Jesus descia,
Das estrélas da Síria ao vívido clarão!

.....
Uma tarde, Jesus, cansado do caminho,
Parou a repousar sob um copado cedro:
Voavam em redor as pombas cõr de arminho,
O campo rescendia a lírio e a rosmaninho,
E balanceava ao largo a embarcação de Pedro.

Tinha-se pôsto o sol radioso do Oriente;
O Justo olhava, calmo, a vastidão do mar;
Mulheres de Caná, cheias de fé ardente,
Co'os filhos pela mão, iam timidamente
Chegando-se a Jesus para os abençoar.

«O Mestre está cansado, — alguém então murmura;
«Mulheres, ide em paz, levai êsses meninos.»
Mas o Profeta diz, erguendo a fronte pura:
«O meu reino pertence aos lírios de candura,
Deixai-os vir a mim; eu amo os pequeninos.

«E a todo o que em meu nome ampare esta pombinha,
«Meu Pai, que está no ceu, os erros perdoou.»
Impôs então as mãos ás tenras criancinhas;
E, aconchegando ao peito as loiras cabecinhas,
Beijou-as uma a uma e a todas abençoou.

Esmorecia triste uma canção distante;
Fizera-se mais branda a viração do sul;
O mar da Galileia ondeava sussurrante,
E, detrás da montanha, a lua triunfante,
Como uma flor de prata, erguia-se no Azul.

MARIA DA CUNHA.

Desembaraço d'um provinciano

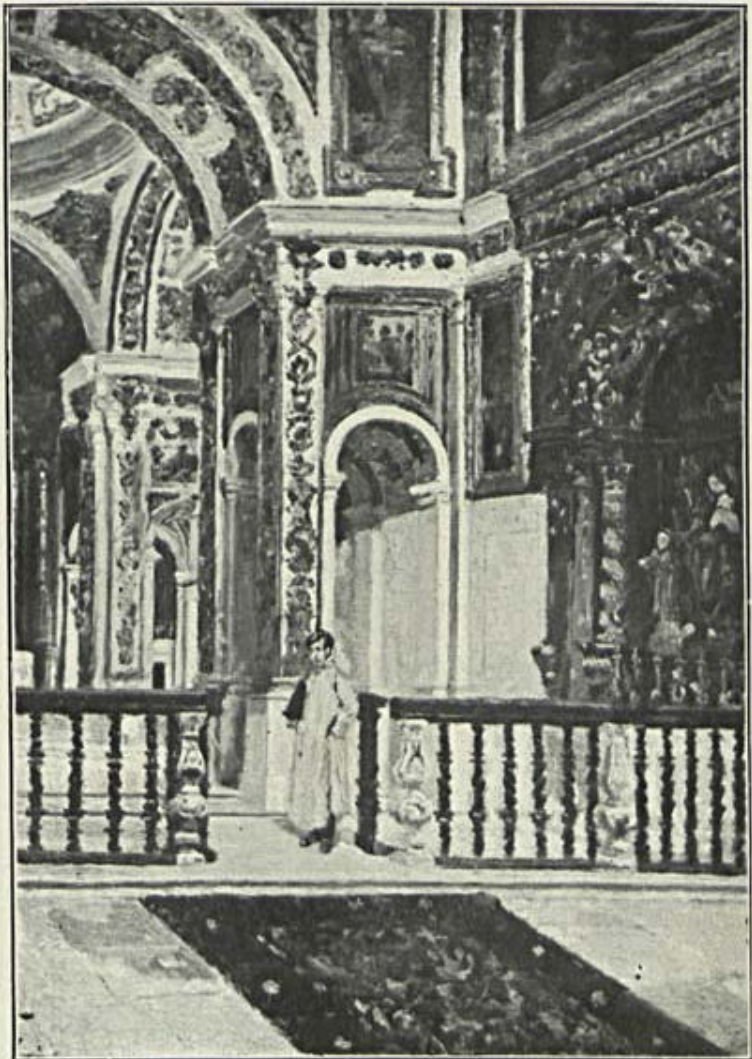
El-Rei D. Manoel I sahia muitas vezes só, a passeio, a pé. Um dia encontrou no Terreiro do Paço um padre, com aspecto de provinciano, que passeava distrahidamente e com ar preocupado. Dirigindo-se a elle, perguntou-lhe:

— E' a primeira vez que vem a Lisboa?

— E', respondeu o padre. Vim cá para pedir ao rei a abbacia

ASSUMPTOS ARTISTICOS

Exposição de quadros a oleo de João Vaz



Interior da igreja da Madre de Deus

(Phot. de A. C. Lima)

tal. Sou amanhã recebido e isso preoccupa-me bastante, porque nunca entrei na côrte.

— E se essa abbacia já tiver sido dada a outro? observou o rei.

— Não tem duvida, retorquiu o padre. Preveni a hypothese, e se ella se der, peço-lhe então a abbacia tal.

— Mas se essa tambem já tiver sido dada? tornou o rei.

— N'esse caso... n'esse caso... replicou o padre hesitante, n'esse caso mando o rei... áquella parte.

D. Manoel riu-se e despediu-se do padre muito amavelmente. No dia seguinte, á hora marcada, foi o padre introduzido no

O descobrimento da America

CHRISTOVÃO COLOMBO

O grande navegador era natural da republica de Genova. Depois de estudar na Universidade de Pavia, geometria, geographia, desenho, cosmographia e astronomia, embarcou nas caravellas que percorriam o Mediterraneo, e fez uma viagem á Islandia. Entrando ao serviço de um capitão que frequentes vezes combatia as caravellas da republica de Veneza e da Turquia, aconteceu-lhe incendiar-se o seu navio durante um combate com uma caravella veneziana na proximidade das costas de Portugal e salvou-se a nado alcançando a terra. Aqui relacionou-se logo com os numerosos genovezes que n'esse tempo viviam no nosso paiz e que o convenceram a ficar por cá. Pouco tempo depois, casou com uma filha de Bartholomeu Perestrello, donatario da ilha de Porto Santo, para a qual foi residir, e ahí no isolamento, no meio do Oceano, se entregou inteiramente ao estudo do seu projecto de descobrir a India por Occidente. Fez entretanto nas caravellas portuguezas varias viagens á costa da Guiné nas quaes aperfeiçoou os seus conhecimentos de navegação e obteve na convivencia dos navegadores portuguezes grande numero de informações que cada vez mais o aferravam ao projecto que trazia em mente. Colombo era erudito; conhecia por isso a vaga tradição da existencia d'uma terra para Occidente e, além d'isso, pelos conhecimentos que tinha da geographia terrestre, suppunha, e com razão, que para aquelles lados, e relativamente perto, havia de existir por força uma grande terra. No que Colombo se enganava, e n'esse engano morreu, era em imaginar que essa terra era a extremidade oriental da Asia á qual n'aquelle tempo se attribuia exageradissima extensão e por isso suppunha que, caminhando para occidente, iria dar aos reinos de Cathay e Cipango de que tanto falara Marco Polo. As informações dos navegadores portuguezes de que aos Açores chegavam por vezes, arrastados pelas correntes oceanicas e ventos de oeste, bocados de arvores, plantas exoticas e bocados de madeira artisticamente lavrada, havendo alguns que affirmavam até terem encontrado uma vez cadaveres de individuos



Exposição de quadros a oleo de João Vaz — *Estudo*
(Phot. de A. C. Lima)

gabinete do rei, reconhecendo logo n'elle o seu interlocutor da vespera. D. Manoel fingiu, porém, não conhecer o padre e perguntou-lhe:

— Que deseja?

— Venho pedir a Vossa Magestade a graça de me nomear para a abbadia tal.

— Muito me custa não poder satisfazer o seu pedido, mas para essa abbadia está já nomeado outro.

— N'esse caso espero da bondade de Vossa Magestade a graça da minha nomeação para outra, a abbadia tal.

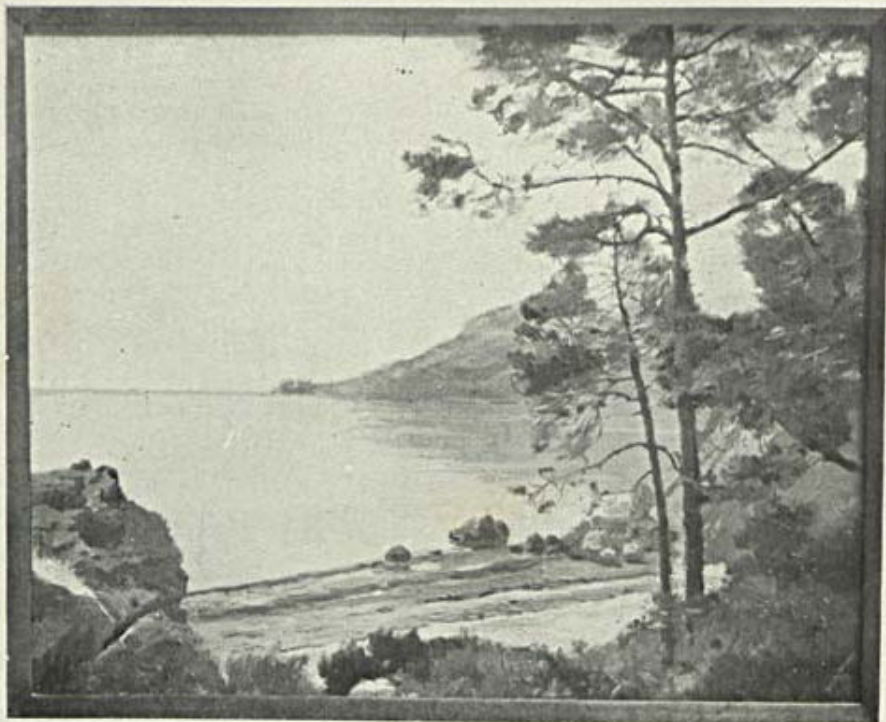
— Também essa, tornou o rei, está já provida.

— Então... replicou o padre perplexo, o dito dito, hontem, no Terreiro do Paço.

D. Manoel riu-se immenso com a sabida do padre e nomeou-o para uma abbadia melhor que qualquer das duas que elle havia solicitado.

Desde o momento em que um paiz entra no caminho do progresso social e na conquista de um ideal de perfectibilidade, começa a ter pela velhice uma veneração tão carinhosa como delicada.

A. PIMENTEL.



Exposição de quadros a oleo de João Vaz — *Marinhas*
(Phot. de J. Bonoliet)

Sarau-concerto no theatro de S. Carlos, promovido por uma comissão de senhoras para auxiliar o Estado na constituição d'um Fundo Permanente de Defeza Naval



Quadro de costumes japonezes



Quadro de costumes napolitanos

(Phot. de J. Bonotiel)

de côr e traços physionomicos estranhos, mais arreigavam a sua convicção.

Ora estas informações dos navegadores portuguezes devia tel-as tambem o rei de Portugal D. João II e mal se concebe por isso que este monarcha de claro entendimento tivesse recusado os serviços de Colombo, quando este se lhe apresentou com o projecto de descobrir o caminho da India por occidente. E' certo que o submetteu á apreciação de duas commissões scientificas e estas foram ambas de opinião unanime que o projecto era inadmissivel, mas não tinha o intelligente principe, a contrariar a opinião das commissões, as informações dos portuguezes que navegavam nas paragens dos Açores? Não lhe indicava claramente a existencia d'este archipelago que a terra não acabava a occidente, na costa de Portugal e que, por isso, quando se não encontrasse a India ou um grande continente novo, probabilidades havia de se encontrarem algumas ilhas? Foi um erro a recusa dos serviços de Colombo, erro indesculpavel n'um espirito tão esclarecido como o do Principe Perfeito, o qual revela que os portuguezes já não eram n'esse tempo levados ás suas viagens aventurezas com a simples mira na gloria e na sciencia geographica, como no tempo do infante D. Henrique, mas que mais os preocupava a idéa de derivar para o porto de Lisboa o commercio das especiarias da India da qual se julgavam, e com razão, muito mais perto no caminho encetado por oriente.

Em vista da recusa de D. João II ao qual, apesar de tudo, nada teria custado n'aquelle tempo pôr á disposição do navegador genovez duas ou tres caravellas, Christovão Colombo foi offerecer os seus serviços á Hespanha, Genova, França e Inglaterra e em todos esses paizes encontrou uma indiferença absoluta pelos seus projectos, até que, voltando desanimado á Hespanha, conseguiu então interessar no empreendimento a rainha Izabel, a Catholica e, em consequencia d'isso, partiu emfim do porto de Palos para os mares do Occidente em 3 de agosto de 1492. Dois mezes vagueou pela immensidade do Atlantico, sempre com rumo a oeste, supportando fadigas, temporaes e a má vontade das suas tripulações que, não vendo terra durante tanto tempo, se julgavam perdidas no meio do oceano. A fé de Colombo no successo da sua viagem era, porém, inalteravel e, por isso, a sua energia não succumbia. Mas um dia as tripulações revoltadas impozeram-lhe a volta e Colombo viu n'um relance todos os seus sonhos por terra.

Já algumas aves tinham sido vistas e outros signaes que a tripulação ignorante não comprehendia, indicavam a proximidade de terra e havia de ser quando estava quasi a alcançar o desejado exito que abandonaria a empreza? Colombo usou de um expediente que surtiu effeito; pediu ás tripulações mais tres dias, comprometendo-se a voltar a Hespanha se ao fim d'esse tempo não tivesse avistado terra. O acaso favoreceu-o; dentro do praso estipulado avistou uma pequena ilha, pelos naturaes chamada Guanahani e á qual o navegador poz o nome de S. Salvador, que faz parte do archipelago das Lucayas. Em seguida descobriu outras ilhas, entre as quaes a de Haiti ou S. Domingos, que elle suppoz ser o procurado Cipango de Marco Polo.

De regresso a Hespanha tocou Christovão Colombo na ilha de Santa Maria cujo donatario pretendeu prendel-o, desistindo felizmente do vergonhoso designio e aportou a Lisboa, onde D. João II o recebeu muito bem, observando todos os especimens que elle trazia das novas terras, ao mesmo tempo que lhe remordia a consciencia o erro commetido na recusa dos serviços de um homem que a outro dava um granda e novo mundo. Alguns fidalgos tentaram insinuar no animo do monarcha a idéa de assassinar o grande navegador, promptificando-se á execução do nefando attentado,

mas D. João II recusou indignado. Em Hespanha foi Colombo recebido com extraordinarias honras e os reis catholicos encheram-no de recompensas. N'este mesmo anno voltou elle á America, demorando-se tres annos e descobrindo n'esse intervallo de tempo a Jamaica, Guadalupe e outras ilhas; explorou Cuba e iniciou a colonisação.

Em 1498 voltou á America pela terceira vez e só então tocou no continente, explorando a costa desde o Orenoque a Caracas. Mas em Hespanha, como cá, a intriga era o entretenimento favorito dos fidalgos que ficavam na commodidade das ante-cameras reaes e a intriga não poupou Colombo. Os reis catholicos, dando-lhe ouvidos, enviaram um funcionario de nome Bovadilla, homem brutal e violento, syndicar da verdade das accusações assacadas contra Colombo, e esse funcionario não teve pejo em prender o grande navegador que dera á Hespanha um mundo e man-

THEATROS

THEATRO DA REPUBLICA — O Sr. Freitas



1.º acto

O Sr. Freitas (*Chaby*) e D. Violante (*Barbara*)

(Phot. de A. C. Lima)

dal-o para Hespanha a ferros. Fernando e Izabel não approvaram o procedimento do feroz funcionario e mandaram logo restituir Colombo á liberdade, mas não lhe tornaram a dar o governo das terras por elle descobertas.

Pela quarta vez voltou porem o navegador á America que elle julgava ainda ser o extremo oriental do continente asiatico, mas com prohibição de tocar na ilha de S. Domingos, de sorte que andou vagueando pelo mar das Antilhas e descobriu Veraguas, porto da costa do Mexico. Voltando a Hespanha encontrou morta a sua desvelada protectora a rainha Izabel e ninguem fez mais caso d'elle, vindo a morrer pobre e abandonado em Sevilha no dia 2 de maio de 1506, sem saber se a terra por elle descoberta era um grande e novo continente, a que nem sequer teve a gloria de dar o seu nome, porque até essa lhe foi roubada por Americo Vespucci que apenas fez para aquelle continente algumas viagens e sempre debaixo de ordens. Ha factos para os quaes fallece toda a explicação plausivel e este é um d'elles.

A posteridade fez porém justiça ao grande navegador, enaltecendo-lhe a memoria e o feito por elle praticado.

UTILIDADES

Tinta para carimbos. — Esta tinta não suja o carimbo, e seca facilmente. Misturar, a quente: agua, 75 partes, em peso;

aprendeu o inglez com perfeição, em pouco tempo era boa latinista e aprendeu tambem o grego, lendo Homero correntemente.

Aos dezenove annos publicou um voluminho de poezias, que teve muitas edições em Inglaterra e nos Estados-Unidos e para se tirar qualquer pretexto aos malevolos de dizerem que ella apenas emprestava o nome, fez verificar a autenticidade de suas obras mediante declaração do proprio senhor, do governador, vice-governador e de quinze notarios de Boston. As suas odes patrioticas tiveram muita influencia na grande revolução americana.



THEATRO DA REPUBLICA — O Sr. Freitas — 3.º acto
O Sr. Freitas (Chaby) e Diamantino (Pinheiro)

glycerina, 7; xarope d'assucar, 3; anilina, 15. Ter o cuidado de só juntar a anilina quando a agua, misturada com o xarope e a glycerina esteja em ebulição, para que aquella substancia se dissolva completamente.

Para tornar um tecido impermeavel á agua. — Mergulhar n'esta dissolução: gelatina, 500 gr.: alumen, 700 gr.; agua, 17 litros.

Poetisa negra

Os americanos desprezam profundamente os negros e, afinal, a primeira mulher que publicou obras literarias nos Estados-Unidos foi uma pequena escrava negra, Philys Wheatly, que apenas viveu 30 annos, de 1754 a 1784. Foi poetisa e prosadora de valor. Nascera em Africa e fóra levada escrava para a America em 1761, comprada por um rico proprietario de plantações, John Wheatly, de Boston, de quem tomou o nome. Uma das filhas de Wheatly ensinou-a a ler e a escrever. A pequena escrava em dezeseis mezes

Encantamento

O' pallida modesta pequenina,
teus olhos aureaeas
são dois livros de amor onde se ensina
a musica dos ais.

São duas lindas fontes prateadas,
aonde o meu olhar
descobre duas moiras encantadas
penteando os cabellos ao luar.

Cabellos de oiro novo onde se enleia
o coração da gente,
preso d'uma voz linda de sereia
que no fundo murmura, ingenuamente.

Voz de sonho e de graça, ingenua e casta
como um grito de amor e de virtude,
que nos arrasta
e nos illude.

E quanto mais procuro não ouvil-a,
mais ella me perturba e mais me enleia,
como a canção tranquilla
das ondas sobre a areia.

Por isso eu tenho medo d'esse olhar
sempre que para ti meus olhos vão,
medo de que me venha dominar
essa atracção.

MARIO SALGUEIRO.



THEATRO DA REPUBLICA — O Sr. Freitas — 3.º acto

(Scena da despedida)

(Phot. de A. C. Lima)

José Martins Pollo

O *Brasil-Portugal* está de luto. Falleceu, subitamente, a 26 do mez passado, no Rio de Janeiro, José Martins Pollo.

Não podia haver para os directores d'esta Revista golpe mais cruel, porque nunca ella teve um amigo mais dedicado. Com tamanho desinteresse, com sympathia tão profunda, tão assignalada pela Illustração que ha quatorze annos fundámos, não nos tendo afastado um ápice do programma que no principio lançámos, e cujo fim principal consistia em estreitar cada vez mais os laços entre os dois paizes que falam a mesma lingua, com tão vehemente desejo, posto sempre á prova, de que o *Brasil-Portugal* progredisse e prosperasse, não encontramos, neste longo percurso ninguem que se equiparasse a José Pollo.

Durante cerca de 14 annos, isto é, desde o primeiro numero da Revista, foi elle no Rio de Janeiro o nosso agente e representante, e tão ligado estava pela amizade mais intima a um dos fundadores da publicação, que só a morte o podia afastar do posto com que abnegadamente nos servia e com que sobremaneira nos honrava.

E' por isso que do coração lamentamos a sua morte, e sentindo a falta do valioso cooperador, choramos a perda do amigo sincero.

No alto commercio do Rio de Janeiro deixa José Martins Pollo uma lacuna impreenchivel. A sua intelligencia, a sua honestidade,

o seu alcance de vista, a sua pratica dos negocios, tornavam-n'o na sua classe um elemento dos mais precisos, dos mais respeitados e dos mais uteis. O novo e magnifico Mercado Municipal do Rio de Janeiro, do qual foi um dos fundadores, e de que era director, não existiria, sem a sua iniciativa poderosa e a sua inquebrantavel actividade.

José Pollo era portuguez, pois nascera no Algarve, e vivendo ha quarenta annos no Brasil, alimentava a esperanza de vir ainda visitar a sua amada terra natal, quando a morte o colheu de chofre, deixando numa pavorosa desolação a esposa e os filhos, que tanto lhe queriam.

O *Seculo*, de Lisboa, e o *Commercio do Porto*, publicavam ha 18 dias este simples telegramma do Rio de Janeiro: «Foi muito concorrido o funeral de José Martins Pollo.»

Podia haver um erro, uma confusão, e aguardámos o correio. Infelizmente, chegou-nos ha dois dias a terrivel confirmação, sendo apenas lenitivo á dôr que experimentamos a noticia pormenorizada do funeral, que pelas proporções que assumiu veiu provar-nos que

o Rio de Janeiro, e as suas classes mais distinctas, fizeram justiça á memoria de um dos homens de mais valor e probidade que temos conhecido, e que durante quarenta annos soube honrar na patria que adoptara a patria em que nascera.

Lorjô Tavares, um dos directores do *Brasil-Portugal*, actualmente no Rio, depôz uma corôa no feretro do seu grande amigo.



José Martins Pollo

(† a 26 de novembro de 1911)



THEATRO DA REPUBLICA — O Sr. Freitas — 3.º acto

(A scena do desmaio)

(Phot. de A. C. Lima)

Pensamento

A resistencia não é um direito; o triumpho, sim.

EXPEDIENTE

Sucedendo-se diariamente as queixas de muitos dos nossos assignantes contra a falta de numeros d'esta REVISTA, temos a declarar que hoje como sempre é a mesma expedida com a maior regularidade a todas as pessoas que nos honram com a sua assignatura. O caso, portanto, só ao serviço do correio ou a qualquer outro facto que desconhecemos, poderá ser attribuido. Tantas são as queixas que seria preciso desconhecer por completo o que devemos aos nossos leitores e aos nossos proprios interesses para que as faltas partissem do nosso serviço de expediente. No entanto, os nossos assignantes obsequieiam-nos sempre participando qualquer falta que se dê, podendo ficar certos de que serão, como é de justiça, promptamente attendidos.